

# **CURSO DE FORMAÇÃO: “CUIDAR E EDUCAR: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO”**

18 de setembro de 2012

## **Educação infantil: a criança como o sujeito inspirador do cuidar e do educar**

*\* Olgair Gomes Garcia*

Uma rápida olhada sobre a história da infância nos indica avanços e conquistas significativas. No entanto, a vida cotidiana, especialmente nos dias atuais, está corriqueiramente nos apresentando quadros e situações que nos mostram o quanto, no meio social, com diferentes matizes, a compreensão sobre o valor e o respeito, necessários às crianças, é desigual e às vezes chocante.

A impressão que se tem é que, se a pergunta for “o que é uma criança”, as respostas logo indicam algum acúmulo de conhecimento, em termos de caracterizações e explicações. Pelo menos é o que nos fazem acreditar a indústria do consumo, a mídia e a propaganda e até mesmo algumas abordagens dentro da psicologia, quase reduzindo a criança a meros objetos da ação dos adultos.

No entanto, se a pergunta for “quem é a criança”, as respostas e argumentos começam a titubear. Pode-se afirmar que a questão intrigante que se coloca atualmente é justamente ampliar e construir uma compreensão mais fidedigna e, de certa forma, mais consistente sobre a criança como um sujeito. Em outras palavras, considerá-la efetivamente como um sujeito de direitos é, no fundo, uma mudança radical na forma de olhar, compreender e se relacionar com todas as crianças.

No caso específico da educação infantil, considerar a criança como um sujeito participante e ativo em toda a dinâmica do processo de desenvolvimento e aprendizagem na instituição escolar se apresenta como uma orientação interessante e profícua para encaminhar alternativas e soluções aos graves problemas que estão envolvendo o tratamento e a relação com as crianças, seja por parte dos educadores, seja por parte das escolas, famílias e comunidade.

Sem dúvida alguma, as crianças, sejam elas bem pequenas ou já no início da vida escolar, tem um jeito meigo e brejeiro que nos seduz, nos atrai, apaixona, mexe com o nosso humor, envolve o ambiente de alegria e leveza. Talvez até por serem assim e nos cativarem tanto, nos fazem acreditar que são sempre “uma gracinha” e são seres muito fáceis de se lidar. Embora seja difícil explicar, mas, na verdade, estes sujeitos tão pequenos têm uma compreensão a respeito das relações com as pessoas e que, se não formos muito perspicazes e hábeis, gradativamente vão aprendendo a usar a sedução e mudando as regras do jogo, se tornando verdadeiros tiranos que tentam nos manipular o tempo todo para apenas satisfazer suas vontades e teimosias, tornando a relação, algumas vezes, muito difícil. Talvez seja a constatação desta situação de perda de poder sobre a criança que leva ou tem levado muitos adultos a fazer uso de outros meios abomináveis de silenciamento e imposição de poder sobre a criança, como por exemplo, castigos, ameaças e outras ações totalmente destituídas de qualquer valor educativo por serem autoritárias e desrespeitosas.

A consideração da criança como sujeito, na relação educador e educandos, descortina, em primeiro plano, a pergunta: **Qual o papel do educador ou educadora na educação de crianças das creches e escolas de educação infantil? É possível delinear um perfil do educador necessário para este grau da escolaridade?**

Em quase todos os seus livros, Paulo Freire mencionou sempre a possibilidade do professor ou professora cultivar simultaneamente a amorosidade e a firmeza. É possível, então, um professor ou professora serem carinhosos, atenciosos, gentis, delicados, meigos, alegres, brincalhões, espontâneos e, quando necessário, também saberem dizer não categoricamente, reiterar energicamente combinados, exigir o respeito e cuidado com determinadas posturas e normas previamente combinadas. O bom desempenho do papel de educador requer isso de todos nós e é também o que as crianças e adolescentes esperam de nós. Ou seja, sem perder a amorosidade, podemos ir aprendendo um jeito de fazer as crianças perceberem que um “não” não significa deixar de gostar delas, mas, simplesmente não gostar e não aceitar as ações consideradas indesejáveis e prejudiciais aos outros, ao trabalho e ao ambiente.

Uma tarefa difícil e muito exigente? Pode ser, mas a combinação da amorosidade com a firmeza é uma aprendizagem permanente e de grande potencial de resultados prazerosos e exitosos. Pelo menos é assim que nos constituímos autoridade para nossos alunos, que despertamos a admiração deles por nós.

Deve ficar claro, por conseguinte, que o ambiente que acolhe as crianças da educação infantil não pode ser definido previamente e inflexível, mas, pelo contrário precisa ser recriado e revisto continuamente pelo coletivo dos educadores a partir do conhecimento e observação constante sobre as crianças com as quais se convive cotidianamente, sobre as questões advindas da rotina necessária, mas em constante movimento, sobre o que fazem e como usam os materiais disponíveis e fazem as atividades, sobre o jeito de se organizar o ambiente de aprendizagem e convívio, os arranjos dos espaços do viver cotidiano. Na maioria das vezes os problemas geradores de conflitos nas relações interpessoais são provenientes do próprio ambiente onde acontece a ação educativa e sendo assim, a sensibilidade e o olhar curioso e criativo dos educadores das escolas se constituem nos primeiros instrumentos para imprimir sentido e significado ao brincar e aprender, ao desenvolvimento alegre e feliz de todas as crianças, à criação de inúmeras situações para a expressão e a criatividade.

Por todo o exposto, a conclusão mais pertinente é a de que a formação permanente do educador nas creches e centros de educação infantil se constitui ao mesmo tempo numa possibilidade de atualização constante como também na oportunidade indispensável da troca entre os pares para discussão, desabafos e criação de alternativas aos sem número de problemas do dia-a-dia. Isto sem mencionar que a formação é a forma por excelência para manter sempre aceso o desejo de ser educador de crianças.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BARBOSA, M. Carmen S. **Por amor e por força, rotinas na educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2006  
FERNANDEZ, Alicia. **O saber em jogo**. Porto Alegre, Artmed, 2001  
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997  
LARROSA, J. e LARA, N. (orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis, Vozes, 1998  
SARMENTO, M. e Gouvêa, M. C. S. (orgs.). **Estudos da Infância**. Petrópolis, Vozes, 2008  
TACCA, M. Carmen V.R. **Aprendizagem E trabalho pedagógico**. Campinas, Alinea, 2008

\* **Olgair Gomes Garcia**, pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre em Educação (Currículo) e doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP



**SINPEEM**  
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP